



Artigo

Um Passarinho azul me contou: expressões da violência de alunos contra professores

A little blue bird told me: expressions of students' violence against teachers

Me lo dijo un pajarito azul: expresiones de violencia de estudiantes contra docentes

Francisco Valmir da Silva¹, Carlos Ângelo de Meneses Sousa², Lília Rolim Abadia³

Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília-DF, Brasil

Resumo

A popularização das novas tecnologias entre os jovens é ambivalente: se, por um lado, permite maior intensidade de comunicação e interação entre as pessoas, por outro, reproduz e cria novas formas de violência. Esteados por um sólido corpo teórico de estudos de violência em ambiente escolar, propomo-nos a explorar a violência cometida por jovens contra os seus professores, utilizando as postagens públicas da rede social *Twitter*. Desta forma, tencionamos analisar os principais conteúdos de mensagens propagadoras de violência, abrindo caminho para futuros aprofundamentos da teoria pautados em dados empíricos. A coleta dos dados foi realizada por meios eletrônicos e automatizados, e a análise das mensagens foi executada com base na análise de conteúdo, bem como, em princípios da análise das redes sociais. Este artigo não possuiu a pretensão de escrutinar a violência escolar na internet, suas causas e consequências, mas sim, identificar os seus elementos geradores, compreendendo de que modo se manifesta na rede social selecionada, e que hipóteses o seu conteúdo suscita sobre a relação professor/aluno. Desta forma, cotejamos os dados empíricos coletados com as pesquisas sobre a violência na escola e depreendemos que as mensagens violentas no *Twitter* dirigidas a professores consistem em atos de vinganças

¹ Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília - UnB. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Especialista em Informática em Educação - Pedagogo e professor na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-7315-9982> E-mail: francvalmir@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) com estudos na Universidade de Bonn (Alemanha) e Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa (Portugal). É professor permanente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação e pesquisador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, ambos da Universidade Católica de Brasília. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-9228-3420> E-mail: carlosangelos@yahoo.com.br

³ Doutora em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Universidade de Nottingham (Reino Unido), realizado com bolsa CAPES - Brasil. É mestre em Ciências da Cultura, pela Universidade de Lisboa (Portugal) especialista em Museologia pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e licenciada em Arqueologia pela Universidade de Lisboa (Portugal). Realizou Pós-doutorado no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-3894-2573> E-mail: liliabadia@gmail.com

dos alunos devido ao não estabelecimento de boas relações em sala de aula e à própria violência implícita no ato educativo.

Abstract

The widespread use of new technologies among youngsters is two-folded: on the one hand, it enables and spreads communication and interaction between people; on the other hand, it reproduces and creates new forms of violence. Supported by a robust theoretical body of studies regarding violence in the school, this article aims to explore the violence committed by young people against their teachers, examining public posts from the social network Twitter. Our data collection was performed by electronic and automated means, while the analysis of messages was performed based on content analysis and principles of social network analysis. Thus, we intend to examine the main content of messages that propagate violence, paving the way for the future deepening of the theory based on empirical data. We do not endeavor to scrutinize the whole subject of school violence on the internet — its causes, and consequences —, but rather to identify its trigger points in order to understand how violence manifests itself in the selected social network and how the tweets' content shed light on the teacher/student relationship. Underpinned by other studies, our findings indicate that the violent messages on Twitter directed at teachers consist of acts of revenge by the students due to the lack of good relationship in the classroom, and as a result of violence implied in the education act itself.

Resumen

La popularización de las nuevas tecnologías entre los jóvenes es ambivalente: si por un lado permite una mayor intensidad de comunicación e interacción entre las personas, por otro lado, reproduce y crea nuevas formas de violencia. Apoyados en un sólido cuerpo teórico de estudios sobre la violencia en el ámbito escolar, nos proponemos explorar la violencia cometida por los jóvenes contra sus docentes, utilizando publicaciones públicas en la red social Twitter. De esta forma, pretendemos analizar los principales contenidos de los mensajes propagandísticos de la violencia, abriendo camino para futuras profundizaciones de la teoría a partir de datos empíricos. La recolección de datos se realizó por medios electrónicos y automatizados, y el análisis de los mensajes se realizó con base en el análisis de contenido, así como en principios de análisis de redes sociales. Este artigo não possuiu a pretensão de escrutinar a violência escolar na internet, suas causas e consequências, mas sim, identificar os seus elementos geradores, compreendendo de que modo se manifesta na rede social selecionada, e que hipóteses o seu conteúdo suscita sobre a relação professor /alumno. De esta forma, comparamos los datos empíricos recogidos con investigaciones sobre violencia en la escuela e inferimos que los mensajes violentos en Twitter dirigidos a los docentes consisten en actos de venganza de los alumnos por no establecer buenas relaciones en el aula y por la violencia implícita en sí mismo en el acto educativo.

Palavras-chave: Violência estudantil, *Twitter*, Relação professor-aluno, Análise de conteúdo.

Keywords: Student violence, *Twitter*, Teacher student relationship, Content analysis.

Palabras clave: Violencia estudiantil, *Twitter*, Relación profesor-alumno, Análisis de contenido.

1. Introdução

A violência é geralmente compreendida como uma ação que é praticada por sujeitos ou instituições e, ao mesmo tempo, sofrida por outrem. Consiste em um fenômeno que possui uma multiplicidade conceitual, carregando consigo

uma gama de interpretações, e podendo ser perscrutado por meio dos códigos e normas específicos em determinado tempo-espaço. Sobre a dificuldade de delimitação conceitual, Dubet (2006, p. 12) postula:

A violência está em toda parte, real ou potencial, legítima ou não, e é isso que torna a definição banal ou arriscada: muito ampla, ela dissolve o objeto, muito estreita, ela não passa de uma forma de estigmatizar certas condutas de violência ilegítima (DUBET, 2006, p. 12).

Embora não procure balizar os limites do conceito, este artigo visa contribuir para a compreensão de formas da expressão da violência na comunidade escolar que são praticadas na rede *web*, mais especificamente na rede social *Twitter*.

Este escrito deriva de um estudo desenvolvido entre 2015 e 2016 no âmbito da pesquisa Juventude, Educação, Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens da Cátedra da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília. Neste artigo, procuraremos identificar de que forma a violência praticada por alunos no *Twitter* contra seus professores se manifesta no *Twitter*, executando a análise de conteúdo das mensagens publicadas e formulando hipóteses para futuras explorações.

Iniciaremos o artigo discutindo as compreensões sobre a violência na escola que servem de pilares para a análise da violência expressa no *Twitter*. Posteriormente, apresentaremos os resultados do estudo interpretando-os à luz do quadro teórico delineado.

2. Quadro teórico: as violências escolares

Estudos como o de Abramovay, Cunha e Calaf (2009) demonstraram que há, por um lado, ausência de diálogo na escola e, por outro, um discurso vazio de resolução de conflitos, apoiado no abuso de poder, na sutileza da violência simbólica, no emprego de força bruta e, até mesmo, em ataques armados. Todos esses elementos manifestam-se, de certa forma, lentamente. Por vezes, levam a repetições de ações e reações vivenciadas por agressores e vítimas. Tais fatos e podem ocorrer em instituições educacionais de todas as classes sociais em diferentes contextos geográficos (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009; DEARBIEUX; BLAYA 2002). Sendo assim, trata-se de um fenômeno complexo que assume múltiplas dimensões e instâncias para além dos muros da escola, relacionando-se com problemas sociais mais amplos, conforme asseveram Ruotti (2010) e Gomes *et al.*(2016).

Neste sentido, ao analisarem uma série de pesquisas acerca do tema, Galvão *et al.* (2010) propuseram que ao se referir a violências escolares é preciso tratá-las no plural, pois entenderam que a escola é autora, vítima e palco das violências. A instituição é agente da violência quando, por meio de atos sutis, produz e reproduz a exclusão social. A violência neste caso é simbólica, sendo exercida por meio do poder disciplinador da instituição (FOUCAULT 1987; PITSOE; LETSEKA 2014). Já as ações como o vandalismo no espaço escolar, agressão aos professores e gestores podem ser entendidas como a escola sendo a vítima da violência, uma vez que é contra ela que se praticam as ações.

E, por fim, a escola é vista como palco de violência quando, em seu recinto, desdobram-se brigas e discussões entre as diversas partes, destacando-se alunos e professores.

À análise de Galvão *et al.* (2010), somam-se os estudos de Moignard (2008) e Lima (2015), que enfatizam o papel das ocorrências de violência fora dos muros da escola, em suas adjacências, nas atividades intramuros, visto que muitos fatos ocorridos fora dos estabelecimentos escolares são tidos como modelos e, por isso, possivelmente, serão conduzidos para dentro da própria instituição de ensino.

Um outro estudo, realizado por Paulo e Almeida (2015, p. 170) concluiu que, “a violência dos alunos foi compreendida como ausência de simbolização e a dos professores como um sintoma que expressa um mal-estar na educação e comparece nas relações entre os sujeitos do processo educativo”. As referidas autoras indicam que as propostas de formação continuada devem levar em consideração as marcas pessoais e os determinantes da cultura de cada sujeito presente, neste caso, na identidade dos professores.

Lira e Gomes (2018), pesquisando a violência em uma escola na periferia de Brasília, capital do Brasil, diagnosticaram que as violências e indisciplina surgem e se agravam, entre outras razões, pelas relações impessoais dos professores com os alunos aliadas às dificuldades do docente de lidar com conflitos na sala de aula.

Na pesquisa de Abramovay, Cunha e Calaf (2009), os professores relataram que um dos principais problemas da escola na atualidade é a questão da indisciplina. Para os sujeitos da referida pesquisa, a indisciplina tem se agravado com a perda da autoridade docente aliada à falta de diálogo intergeracional, inferindo-se que esses fatores contribuem para a indisciplina dos alunos, para o mal-estar docente e a frustração na profissão, podendo levar à desistência da carreira do magistério (vide ABRAMOVAY, CUNHA e CALAF, 2009). Deste modo, a formação docente, cada vez mais, é desafiada a ter, em seu lastro curricular e de formação continuada, a educação para o diálogo (FREIRE, 2014; 2000; 1987) como condição de efetivação do ato educativo. Ato que não deve ser dissociado dos conflitos próprios da vida pessoal e social, que, hodiernamente, tendem a se amplificar no tempo e espaço com o evento massivo da internet, e, por sua vez, rompe com as noções dos espaços tradicionais da escola e da educação.

Aproximando-nos da problemática da violência tematizada neste artigo, destacamos que, como sugere Zuin (2012), o fenômeno das redes sociais da internet, em contextos atuais parecem potencializar formas e atos de violência gestados na sala de aula, resultado da relação professor/aluno. Nesse sentido, a violência escolar poderá aparecer também nas redes sociais da internet como, por exemplo, no *Twitter*.

Em um estudo realizado nas comunidades do *Orkut*, acerca do *cyberbullying* direcionado aos professores, Rocha (2012, p.192) apurou que “apesar de os alunos exprimirem opiniões importantes sobre os seus professores, eles também banalizam o ódio e a violência, através de um discurso que já se encontra naturalizado para sua geração”. Sendo assim, a autora aponta que o ambiente virtual tem a valência de funcionar como espaço para o exercício da livre expressão, incluindo as opiniões que podem servir como fonte de reflexão sobre a prática docente. Contudo, a internet pode também servir como

espaço de tolhimento do direito à dignidade, uma vez que repercute a violência psicológica e moral, tal como a calúnia, a difamação, o xingamento, entre outros.

O acesso à internet tem oportunizado aos jovens um espaço diário para manifestar suas visões, sonhos e, também, suas insatisfações, por vezes, em forma de hostilidades presentes nas relações entre alunos e professores. A popularização dessas tecnologias tem facilitado a comunicação e a interação entre as pessoas e, nesse cenário, os estudantes têm utilizado cada vez mais as redes sociais para declarar o que pensam e sentem sobre seus professores, manifestando, inclusive, repulsa e ódio. A violência em ambientes virtuais tem se traduzido em ocorrências, multiplicando, assim, as formas de violência contra os professores (OLIVEIRA, 2008; ZUIN, 2012).

O efeito multiplicador da violência virtual — devido ao aumento da utilização da rede, à diminuição das barreiras geográficas, à dinâmica replicação e ao fácil acesso à informação publicada — faz com que o alcance dessas formas de violência seja maior e mais profundo (SILVA; SOUSA, 2019; ROCHA, 2012). Isso porque, para além de sofrerem os atos de humilhação, calúnia, difamação, as vítimas da internet veem-se confrontadas com a constante memória da violência, pois as mensagens veiculadas na internet são facilmente reproduzidas e armazenadas. Nesse sentido, é plausível ponderar sobre a repercussão da banalização da violência (ARENDRT 2009; SILVA; SOUSA, 2019), na sua forma discursiva, para outras esferas sociais.

Tendo situado a concepção de violência que guiou a coleta e análise dos dados, a seguir, descrevemos o percurso metodológico da pesquisa, bem como apresentaremos e discutiremos os resultados da pesquisa, os quais evidenciam a necessidade de mais estudos sobre as formas de expressão e comunicação dos jovens com seus docentes em tempos de internet e suas redes sociais.

3. Percurso Metodológico

Criado em 2006, o *Twitter* pode ser caracterizado como uma plataforma de *microblogging*⁴. Desde então, o seu uso se popularizou e despargiu, tornando-o um meio multidirecional de captação de informações personalizadas, um veículo de difusão contínua de ideias e produtos, e um espaço colaborativo entre os usuários (SANTAELLA; LEMOS, 2006; SILVA, 2016). Sabe-se que no contexto brasileiro, o *Facebook* e o *Twitter*⁵ são líderes de acesso, como demonstra um levantamento da ferramenta em *Marketing Digital* da Serasa *Experian*, que constatou a eclosão acelerada das redes sociais no país (STATISTA, 2021).

É importante esclarecer que a personificação ou prosopopeia “um passarinho me contou”, adotada no título deste artigo, faz referência ao símbolo

⁴ Segundo Orihuela (2007) *microblogging* é um site de rede social com caráter híbrido de blog e mensageiro instantâneo, o qual possui especificidades como a limitação de tamanho para cada atualização, o caráter associativo com a mobilidade e a rapidez na comunicação.

⁵No caso do *Twitter*, do ano da sua criação até 2017, havia a limitação de 140 caracteres, depois disso o limite aumentou para 280 caracteres e em fevereiro de 2023, lançou um novo recurso pago que permite a publicação de textos com até quatro mil caracteres.

da rede social *Twitter* — a saber, um “passarinho azul” —, a qual constituiu o cenário de coleta e geração de dados da pesquisa. Consideramos que o logotipo, símbolo representativo da rede social em questão, incita a expressão livre, remetendo-nos ao ditado popular “um passarinho me contou”, que, por sua vez, anuncia um mexerico, ou uma informação que se transmite sem se apresentar a fonte.

O *Twitter*, dentre as redes sociais virtuais que oferecem o serviço de *microblogging*, denominado *tweet*, representa o ambiente propício para a ocorrência de violências contra os professores, uma vez que apresenta as seguintes características: (i) desterritorialização, (ii) aparente ruptura das hierarquias sociais, (iii) sensação de anonimidade (vide ROCHA, 2012), (iv) facilidade de uso devido à natureza das mensagens curtas e diretas.

A pesquisa, de abordagem mista e de tipo exploratória, propôs-se investigar os *tweets* que veiculavam conteúdos de violências dirigidos aos professores/as. Os termos predeterminados para a coleta dos *tweets* foram expressões ou palavras que indicassem conteúdos depreciativos em detrimento da pessoa ou imagem do professor ou professora, tais como “detesto professor”, “detesto professora”, “matar meu professor”, “matar minha professora”, “professor viado”, “professora vaca” entre outros.

A escolha de termos de caráter depreciativo e/ou chulos procurou qualificar a violência verbal direcionada aos professores e professoras, tendo sido selecionados com base em experiências de outras pesquisas sobre a temática (ALMEIDA, 2012; ZUIN, 2008, 2012, 2017). Destacamos a pesquisa de Almeida (2012), na qual o autor programou a seleção automática de *tweets* que continham a palavra “professor” ou “professora”, e, posteriormente, quantificou-os em índices de expressões de emoções negativas, como xingamentos, palavrões e outros termos depreciativos, bem como índices de emoções positivas e mensagens neutras. Na nossa pesquisa, devido aos seus objetivos, conforme já mencionado, selecionamos apenas as mensagens negativas. A especificação dos marcadores de gênero, por meio dos termos “professor” e “professora” serviu como forma de verificar se apontavam diferenças na incidência de *tweets* violentos.

A coleta dos dados foi realizada por meios eletrônicos, utilizando o *software* NodeXL, um programa de computador que navega pela internet de uma forma metódica e automatizada, e extrai mensagens associadas a termos pré-selecionados. A coleta dos referidos dados foi realizada no dia 20 de junho de 2016, no intervalo compreendido entre as 18 e 21 horas, tendo o *software* coletado *tweets* retroativos em língua portuguesa, ou seja, todos os *tweets* publicados e disponíveis até o fim do período de coleta. Assim, consideramos que a primeira etapa do método de análise de conteúdo, articulado por Bardin (2011) foi sistematizado por meio do NodeXL, pois a partir dos termos predefinidos, o *software* coletou de forma autônoma os *tweets* que formaram o nosso *corpus*⁶ de análise.

O tratamento e apresentação dos dados foram realizados por meio do *software* Gephi, uma ferramenta especializada para o exame do ambiente virtual (RECUERO, 2011), que auxiliou a observação e compreensão dos resultados

⁶ Trata-se, portanto, da segunda fase do método de análise de conteúdo tal qual como delineado por Bardin (2011). Contudo, esta fase foi complementada com a filtragem e verificação dos dados produzidos pelo Gephi.

finais da amostra pesquisada. O Gephi fez a cluterização (agrupamento) dos dados de forma automatizada, facilitando a fase de tratamento do *corpus* de análise. Ou seja, proporcionou a visualização dos dados de forma a permitir uma compreensão da rede de significados por meio dos pontos nodais e ligações entre os termos. Já para a construção de gráficos de barras, utilizamos o *software* Microsoft Excel.

Para a análise dos dados, empregamos as técnicas de pesquisas de Análise de Conteúdo (AC), mais especificamente a técnica de análise das relações, utilizando a concepção de análise das coocorrências, apoiadas nas concepções de Bardin (2011). Também utilizamos alguns princípios da Análise de Redes Sociais (ARS)⁷ com base nos escritos de Fragozo; Recuero e Amaral (2012), que neste estudo auxiliaram na compreensão das mensagens no ambiente virtual do *Twitter*.

A coleta automatizada pelo *software*, no período indicado, resultou em 2.464 mensagens capturadas⁸, formando o nosso corpo de análise, e possibilitando o tratamento da informação geradora de inferências. A criação de categorias de análise iniciou-se com a verificação da frequência dos termos presentes nas mensagens, isto é, utilizando a denominação de Bardin (2011), as “unidades de registro” desta pesquisa foram as palavras, e as “unidades de contexto” cada *tweet* coletado pelo Gephi. O cálculo da frequência dos termos acima apresentado, foi realizado com a ajuda do aplicativo Contador de Palavras e Processador Linguístico de *Corpus*⁹ da plataforma *online* do Grupo de Linguística da Insite.

O segundo passo da fase de análise consistiu na associação destes termos em ARS. Posteriormente, os elementos constituintes de cada *tweet* foram enquadrados nos seguintes blocos de significado: (i) sujeitos a quem a violência é direcionada (professores e professoras); (ii) disciplinas associadas aos professores; (iii) expressões de violência (xingamentos, manifestação de ódio, ameaças etc.), (iv) outros elementos – ou seja, expressões associadas ao conteúdo explicitamente violento que não se enquadram nos blocos anteriores. Este artigo se concentrará na compreensão desses “outros elementos”¹⁰ e o significado que assumem nas mensagens.

⁷ A ARS foi utilizada para entender as ligações entre os termos ou palavras presentes nos *twetts* coletados, advindos das falas dos atores. Em relação às variáveis, foi utilizada a frequência de conexão dos termos ou palavras que aparecem relacionadas, bem como, a ocorrência destes termos ou palavras, quando seu aparecimento ocorre com mais força nas mensagens coletadas.

⁸ Embora não seja possível atribuir a autoria de todos os *tweets* a utilizadores jovens, pois não é possível precisar a faixa etária de cada utilizador, consideramos que há elementos para se considerar uma predominância juvenil na autoria, tanto pelos dados estatísticos do número de jovens que possuem conta no *Twitter*, quanto pelo fato de que foram identificadas disciplinas associadas às mensagens. A presença de disciplinas escolares nas mensagens indica a frequência ao ensino fundamental e médio, percentualmente, há uma predominância de jovens.

⁹ É um sistema que fornece relatórios estatísticos detalhados sobre o vocabulário do texto, incluindo quantidade de ocorrências de cada palavra, tamanho das palavras, frequência de letras, listagem das palavras por ocorrência e em ordem alfabética e outras informações (Grupo de Linguística da Insite, 2016).

¹⁰ Para uma análise das disciplinas associadas às mensagens de violência ver SILVA; SOUSA (2019).

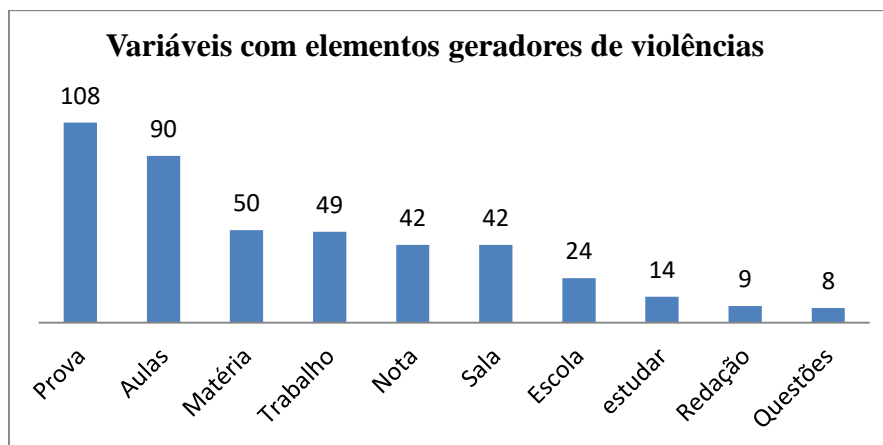
Tabela 1 - Expressões Associadas ao Conteúdo Explicitamente Violento por Gênero

Professora		Professor	
Termos	Frequências	Termos	Frequências
Matéria	50	Prova	108
Trabalho	50	Aulas	90
Prova	34	Matéria	50
Notas	22	Trabalho	49
Aulas	18	Nota	42
Escola	14	Sala	42
Livro	5	Escola	24
Questões	5	Estudar	14
Dever	4	Redação	9
Redação	4	Questões	8

Fonte: Dados extraídos automaticamente do *Twitter* pelo NodeXL e organizado pelos autores.

Relacionado os dados sobre a ocorrência das palavras predefinidas com os pontos nodais marcadores de gênero, observamos que os termos “matéria” e “trabalho”, quando relacionados às professoras, possuem maior incidência na amostra, enquanto as palavras “prova”, “notas”, “aulas” e “escola”, associados a esse marcador de gênero, têm ocorrência mediana. Os termos “provas” e “aulas” têm grande incidência em associação ao nó “professor”. Outros termos diretamente ligados às dinâmicas de sala de aula, como os termos “livro”, “questão”, “dever” e “redação” aparecem mais timidamente nos *tweets* examinados.

No gráfico 1, logo abaixo, é possível observar os dados relacionados apenas ao nó professor em uma configuração de barras para uma melhor compreensão da frequência dos termos.

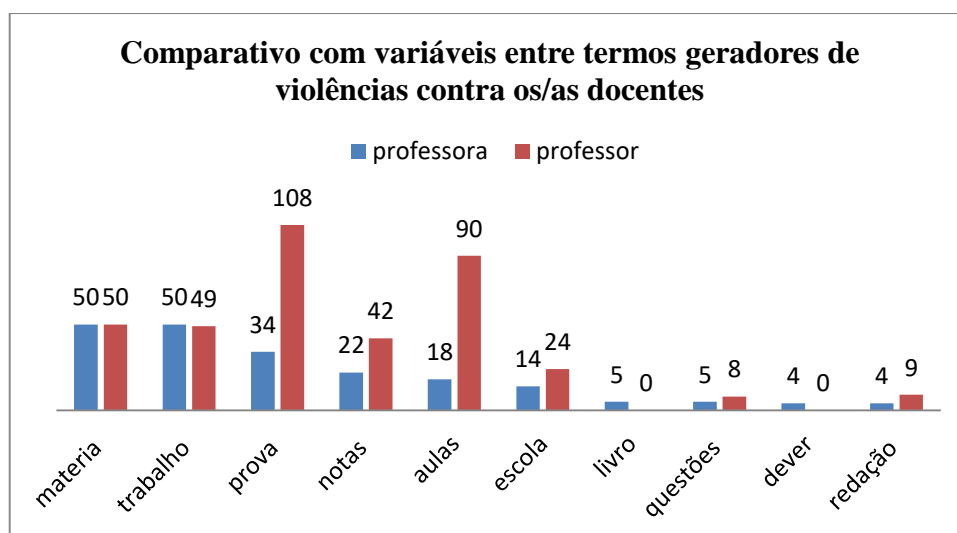
Gráfico 1 - Termos presentes nas mensagens dirigidas aos professores

Fonte: Dados extraídos automaticamente do *Twitter* pelo NodeXL e organizado pelos autores.

Também no gráfico 1, podemos observar que os termos “prova” e “aulas” apareceram com mais frequência nas mensagens dirigidas aos professores, enquanto as palavras “matéria”, “trabalho”, “notas” e “sala” apareceram de forma mediana, e, finalmente “escola”, “estudar”, “redação” e “questões” encontram-se com menor incidência na amostra. Ressaltamos que, todos os termos estão diretamente ligados à dinâmica da sala de aula e nenhum, por si só, encerra significados de violência.

Já no gráfico 2, é possível verificar os termos encontrados nas mensagens, agora através de uma perspectiva comparativa. Ou seja, buscando-se, nesta figura, cotejar as “Expressões Associadas” com os termos marcadores de gênero: professoras e professores.

Gráfico 2 - Termos presentes nas mensagens dirigidas aos docentes por gênero

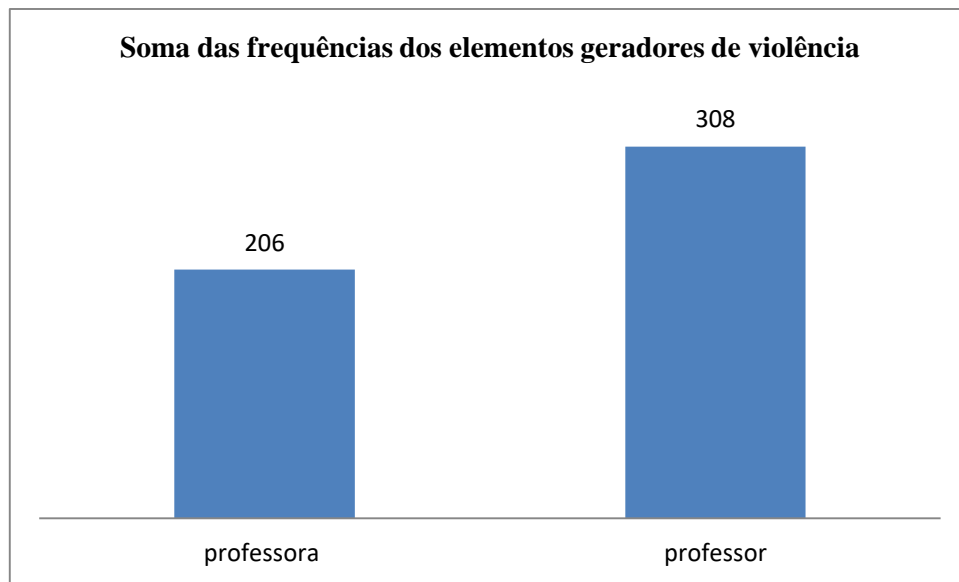


Fonte: Dados extraídos automaticamente do *Twitter* pelo NodeXL e organizado pelos autores.

No gráfico 2, foi possível constatar o comparativo entre as expressões associadas aos termos de expresso caráter violento dirigida aos docentes. Nesse contexto os vocábulo “matérias” e “trabalho” tiveram a mesma representação numérica tanto para professores como para professoras. Contudo, os termos “provas”, “notas”, “aulas” e “escola” obtiveram diferenças consideráveis conforme o gênero do docente, diferença acentuada nas palavras “provas”, com 108 menções para o professor e 34 para a professora, e “aulas”, com 90 para o professor e 18 para a professora. Observamos ainda que os termos “livros”, “questões”, “dever” e “redação” apresentaram pouca ocorrência nas mensagens, sendo que “livro” e “dever” não aparecem nas mensagens direcionadas à figura do docente do sexo masculino, apenas à figura das professoras.

Sintetizando a diferença geral entre os gêneros, o gráfico 3, apresenta a soma de todas as mensagens, considerando a professora e professor separadamente, como se segue:

Gráfico 3 - Frequência das expressões associadas ao conteúdo explicitamente violento



Fonte: Dados extraídos automaticamente do *Twitter* pelo NodeXL e organizado pelos autores]

Com base na exposição, categorização, apresentação e inferência dos dados expostos, foi-nos possível fazer algumas aproximações a compreensões do conteúdo e da forma que as manifestações de violências dirigidas aos docentes se apresentam *Twitter*.

Examinando mais atentamente as expressões que não denotam em si mesmas um significado de violência, verificamos elas representam elementos ligados ao ensino/aprendizagem e ao ambiente escolar. Em outras palavras, as "Expressões Associadas" são palavras que estão ligadas à dinâmica da escola, da sala de aula, tais como matéria", "trabalho", "prova", "notas", "aulas". Estes elementos denotam o cotidiano e o ambiente escolar, nos quais se firmam as relações do(a) professor(a) com os alunos e alunas e demais atores da escola.

Partindo desta compreensão, criamos quatro categorias que sintetizam as dinâmicas escolares identificadas na amostra, sendo elas: instrumentos de avaliação; atividades ou tarefas escolares; materiais escolares e espaço escolar. Esta categorização apontou para a forma como estes elementos se associam ao conteúdo explicitamente violento, podendo ser considerados os geradores das mensagens de violências dirigidos aos docentes no *Twitter*. Esta ilação sustenta-se no estudo de Lira e Gomes (2018, p. 775), que constatou a acentuação de conflitos quando os professores usam de "metodologias pouco compatíveis com as aspirações adolescentes de autonomia e protagonismo, com excesso de exposição oral e cópias". Os autores também verificaram que o não cultivo de boas relações pessoais, e à dificuldade em "lidar com os conflitos na sala de aula, contribuem para violências e indisciplina surgirem e se agravarem" (LIRA; GOMES, 2018, p.775).

Tabela 2 - Categorias das expressões Associadas ao conteúdo explicitamente violento

Categorias	Termos Associados
Instrumentos de avaliação	Matéria, trabalho, prova, notas, aulas
Atividades ou tarefas escolares	Questões, dever, redação
Materiais escolares	Livro
Espaço escolar	Escola

Fonte: Dados extraídos automaticamente do *Twitter* pelo NodeXL e organizado pelos autores.

Neste sentido, as categorias instrumentos de avaliação; atividades ou tarefas escolares; materiais escolares e espaço escolar dão suporte à hipótese de que as mensagens publicadas no *Twitter* fazem parte de uma vingança contra seus professores manifestada em violências, como indicam as pesquisas de Alencar Almeida (2012), Rocha (2012) e Sousa (2015).

As manifestações de violências dirigidas aos professores no *Twitter*, em consequência de questões de discórdia, ódio, rancor ou outras ocorrências observadas neste estudo e presentes na relação professor/aluno, corroboram o que Zuin (2012) conceituou como vingança adiada e vingança concretizada. No primeiro conceito, em face das tensões, conflitos e disputas das relações de sala de aula, ocorre o adiamento da vingança pelos alunos que, ao se sentirem magoados e ressentidos, não agem de imediato e guardam dentro de si o ressentimento na expectativa de se vingarem posteriormente, sendo que, nesse período, ocorreria uma espécie de incubação da violência. Já na vingança concretizada, a violência se consuma nos atos anunciados na violência adiada. Para Zuin (2012), a manifestação desta vingança adiada tem se revelado como expressões dos alunos, seja por meio de pichações e ataques às escolas, agressões físicas ou psicológicas contra os professores, assassinatos em massa nas escolas e outras formas de violência dirigidas aos professores nas redes sociais da internet, como as próprias manifestações de violências contra os professores no *Twitter* apresentadas neste estudo.

Na visualização do quadro 1, bem como gráficos 1 e 2, e tabela 2, é possível observar os termos geradores presentes nas mensagens de violência no *Twitter* dirigidas aos professores e professoras por quantidades. Assinalamos que as palavras “matéria”, “trabalho”, “prova”, “notas”, “aulas”, ligadas à categoria de avaliação, aparecem em maior quantidade.

Na categoria de atividades e tarefas escolares relaciona-se os termos: “questões”, “dever” e “redação”, diferenciando-se da categoria de materiais escolares que engloba o “livro”. Já o termo “escola” aparece como espaço escolar. Essas últimas categorias apareceram em menor quantidade na análise de toda a amostra.

Em relação aos aspectos comparativos dos termos ou elementos geradores de violências entre professor e professora podem ser observados nos gráficos 2 e 3. No primeiro, é possível constatar que os termos “provas” e “aulas” foram mais citados quando se referem à figura do professor. Tal constatação é corroborada no gráfico 3, onde a soma das frequências dos elementos geradores de violência é menor quando se refere à professora. Isso pode indicar que na

amostra pesquisada os professores foram mais frequentemente atacados nas mensagens que veiculam violência do que as professoras.

Os elementos geradores de violência, elencados nesta pesquisa, indicam que a violência contra os/as docentes em mensagens virtuais no *Twitter* está ligada às “aulas”, sobretudo no que diz respeito às atividades de avaliação. Representam os pontos de tensão vistos por meio dos termos “matéria”, “trabalho”, “prova”, “notas”, que formam a conjuntura da relação professor/aluno presente na sala de aula. Estes dados coadunam com os achados de Rocha (2012), que apontam que as manifestações de violência contra os professores no ambiente virtual podem estar relacionadas a uma espécie de autoritarismo pedagógico por parte do professor, que se traduz no modo como este exerce suas atividades em sala de aula, isto é, pela imposição de sua autoridade em face de seu conhecimento, desencadeando nos alunos algum tipo de manifestação em retaliação a esse autoritarismo. A autora menciona ainda a diluição das hierarquias na internet e o poder de participação e comunicação horizontalizada. Ou seja, no ambiente virtual todos se sentem iguais, o professor está na mesma posição do aluno, os dois são usuários de uma mesma rede, o que os coloca numa posição de igualdade, sem hierarquias, diferentemente do espaço físico da sala de aula.

Cabe destacar o fato de que o uso frequente das tecnologias, especialmente pelos estudantes, pode contribuir para a criação de um clima favorável ou desfavorável em sala de aula, incitando as expressões de violências ou de cooperação mútua. Nesse sentido, a pesquisa de Soares *et al.* (2020) sobre a autoridade docente frente às tecnologias informacionais evidenciou que os professores resistentes ao posicionamento opinativo ou questionador do discente viam, em tais atitudes, uma afronta à sua posição de autoridade, em vez de percebê-las como uma oportunidade para manter o interesse dos alunos e utilizá-las em favor da cooperação e aprendizado. O mesmo não acontecia com os outros professores que criavam uma maior interação e diálogo na construção da aula, inclusive com ou sem o uso das tecnologias, pois o mais importante era a forma como o professor via o seu próprio papel na sala de aula (SOARES *et al.*, 2020).

Em outras palavras, a escuta e compreensão do aluno como parte diretamente envolvida no ato educativo favorecia o clima mais harmonioso nas relações de autoridade na sala de aula. O estudo de Soares *et al.* (2020) sugere que a vingança do aluno contra a/o docente não deve ser imputada somente ao aluno, visto que a relação entre ambos é complexa, coexistindo agências, desejos, expectativas e intencionalidades de diversas naturezas. É importante reconhecer a “violência implícita no processo de ensinar e aprender” (PUCCI, 2012, p. 9) e, sendo o docente o representante primeiro e direto do ensino e aprendizagem, torna-se, portanto, um alvo fácil para as vinganças na rede.

Na sociedade atual, as novas tecnologias na internet, em suas malhas virtuais, têm oferecido subsídios para formas inéditas de comunicação, reconfigurando, inclusive, o modo de se perceber as informações, os fatos, e interpretar as mensagens. Os acontecimentos que outrora eram de domínio da escola, ou seja, que aconteciam nos contornos da sala de aula, eram mais fáceis de serem geridos em face da reduzida existência das tecnologias digitais e seu acesso na escola. As alterações advindas com o avanço das tecnologias digitais e a criação das redes sociais na internet reconfiguraram as relações sociais e,

consequentemente, o espaço escolar. Conforme assinalam Santaella e Lemos (2010), essa reconfiguração oportunizou novas formas de cognição e sociabilidades, criando espaços democráticos ou não, como asseverou Sousa (2011) ao estudar as novas formas de linguagens e sociabilidades juvenis, bem como Moreira (2015, p. 37) nos indica que não obstante a violência, os jovens também nos ensinam que “espaços virtuais são territórios de pertencimentos, de intimidade, de tecnologia e de poética”.

A recorrência de manifestações de falas e mensagens de violência dirigida aos professores nos *tweets* estudados nesta pesquisa, sugerem que a sala de aula e as situações nela vivenciadas originam as manifestações de violência, ou seja, tendo sido gestadas no espaço físico da sala de aula, as violências rompem as suas quatro paredes e os muros da escola, caindo no ninho do pássaro azul: o *Twitter*. Trata-se de um ambiente virtual que atribui novas formas de incursões, interlocuções e interpretações, além de proporcionar uma celeridade e propagação vertiginosa de mensagens de ódio.

5. Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos um conjunto de *tweets* capturados automaticamente pelo *software* NodeXL. Guiados pela técnica das coocorrências e pelo ARS, examinamos os significados inerentes às mensagens publicadas, classificando os componentes da mensagem em blocos de significado e estrutura. Chegamos à definição de quatro elementos estruturais das mensagens, sendo eles: (i) o sujeito a quem se destina a mensagem de violência; (ii) a disciplina ou área de conhecimento; (iii) os xingamentos, manifestação de ódio e ameaças; (iv) expressões associadas ao conteúdo de violência, ou seja, que não encerravam um significado de violência por si só e não se enquadravam nos blocos anteriores.

Neste artigo, destrinchamos as “expressões associadas” para compreender a sua função nas mensagens de violência. Observamos que os termos de maior incidência indicavam o trabalho envolvido no ensino/aprendizagem. Categorizamos essas expressões associadas ao conteúdo explicitamente violento consoante a sua função nas relações de ensino/aprendizagem e professor/aluno, mais especificamente em: “instrumentos de avaliação”; “atividades ou tarefas escolares”; “materiais escolares” e “espaço escolar”.

Relacionando os resultados obtidos no nosso estudo com as pesquisas sobre violência escolar, sustentamos a hipótese dessas expressões associadas a termos de expresso caráter violento serem os pontos geradores da violência. Ou seja, dessa violência estar diretamente relacionada a alguma atividade em aula que provocou o ressentimento dos alunos. Em outras palavras, inferimos que as violências dirigidas aos professores nas mensagens postadas na rede social *Twitter*, no contexto deste estudo, por meio dos xingamentos, manifestações de ódio e ameaças, manifestam-se associadas a elementos relacionados às dinâmicas das relações professor/aluno, sendo eles, os termos ligados, sobretudo, aos instrumentos de avaliação e recursos de ensino. Essas violências aproximam-se da ideia de vingança adiada e concretizada (ZUIN, 2012), germinadas na sala de aula pela falta de sucesso na criação de uma boa relação entre professores e alunos (DE ALENCAR ALMEIDA 2012; LIRA;

GOMES, 2018; ROCHA, 2012; SOARES *et al.*, 2020), e pela insensibilidade à própria violência do ato educativo (PUCCI, 2012).

Isto não quer dizer que os alunos não tenham agência na criação de uma boa relação professor/aluno. Contudo, acreditamos que seja o papel dos docentes incentivar um ambiente de escuta e diálogo, no qual todos os sujeitos se sintam valorizados e participantes do ato educativo. Nessa medida, o exame de formas de expressão dos discentes sobre a relação professor/alunos pode proporcionar elementos para a reflexão da prática docente.

Como afirmou Moreira (2015) se a tecnologia parece desumanizar, há de se perceber também que por meio dela os discentes desenvolvem outras sociabilidades e poéticas nos territórios virtuais de pertencimentos, intimidades, ainda que repleto de ambiguidades e contradições. Aqui cabe a imperativa necessidade de se educar para a convivência social e o cultivo dos preceitos básicos que regem nossa vida em sociedade.

Este artigo não procurou esgotar as possibilidades de análise da forma como a violência dirigida a professores se manifesta no *Twitter*. Apresentando a análise de dados empíricos, apontamos uma hipótese, em paralelo com outros estudos acerca do tema, que deve ser complementada com outras pesquisas que possam validar se o âmbito em que a autoridade e impessoalidade do trabalho executado em sala de aula impulsiona atos de vingança, bem como de estudos que possam captar as tensões entre as percepções dos alunos sobre a rigidez do processo de aprendizagem e dos professores sobre os (in)sucessos do ensino.

Para futuras pesquisas apontamos que alguns dados sinalizam certa insatisfação dos jovens com determinados professores e suas práticas, indicando que o modo de agir das professoras parece sugerir maior diálogo e menos autoritarismo. Em que e como a questão de gênero incide nas relações entre discentes e docentes diminuindo ou estimulando as expressões violentas dos discentes? Por que isso corre? Novas investigações são necessárias para elucidar essas e outras questões suscitadas pela pesquisa apresentada.

As expressões associadas aos conteúdos explicitamente violentos evidenciam caminhos para refletirmos sobre as relações que se estabelecem dentro da sala de aula, que, por sua vez, são reflexo e expressam as novas formas de sociabilidade e interação fomentadas pelas novas tecnologias. A pandemia de Covid-19 tem demonstrado que as relações de sala de aula estão inextricavelmente relacionadas às novas tecnologias e há uma aceleração das formas de comunicação mediada por computador, o que pode intensificar ainda mais os modos de relacionamento engendrado nas redes sociais.

Por fim, há de se perceber que a apropriação das novas tecnologias pelos jovens tanto pode criar oportunidades emancipatórias e de socialização, quanto paradoxalmente o seu uso também pode gerar, endossar e potencializar a prática de violências que se fazem presentes nos espaços escolares, nas relações entre os discentes e seus docentes.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.

DE ALENCAR ALMEIDA, R. J. Estudo da ocorrência de cyberbullying contra professores na rede social twitter por meio de um algoritmo de classificação bayesiano. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 1-7, 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/1809/1942>.

Acesso em: 31 jan. 2015.

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 168 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011. 229 p.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002, 268 p.

DUBET, F. Sobre a violência e os jovens. **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**. [S.l.] v. 9, n.15, jan./jun., p. 11-31, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987, 262 p.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012, 239 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 143 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, 157 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 107 p.

ROCHA, T. B. **Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012, 192 p.

GALVÃO, A. *et al.* Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 425-442, 2010 (jul./set.). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n68/02.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.

GOMES, C. A. *et al.* Violencias en puentes de doble vía: escuela-entorno. *In*: NAVARRO, J.C.C. (Coord.). **Las violencias en los entornos escolares**. Japopan, Jalisco, México: Universidad de Guadalajara, v. 1, 2016. p. 104-123.

LIMA, D. A. **O triângulo do diabo: Família, tédio e violências na escola**. 2015. 229 f. Tese (Doutorado - Curso de Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/1950/2/DiogoAcioliLimaTese2015.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LIRA, A.; GOMES, C. A. Violence in schools: what are the lessons for teacher education? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.

26, p. 759-779, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362018002601574>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MOIGNARD, B. **L'école et La rue: fabriques de délinquance.** Paris: PUF, 2008, 232 p.

MOREIRA, B. D. Os jovens e as tecnologias: entre a poética e o controle técnico. *In:* SOUSA, C. Â. M. (Org.). **Juventudes e Tecnologias: sociabilidades e aprendizagens.** Brasília: Liber Livro / UNESCO, 2015, p. 207-232. Disponível em: https://socialeducation.files.wordpress.com/2016/03/juventudes-e-tecnologias-_site.pdf. Acesso em: 08 abr. 2020.

OLIVEIRA, N. R. Prefácio. *In:* Zuin, A. A. S. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico.** Campinas - SP: Autores Associados, 2008, 128 p.

ORIHUELA, J. L. **Twitter y el boom del microblogging.** Educ.ar: Educación y TIC. Argentina, 2007.

PAULO, T. S.; ALMEIDA, S. F. C. **Violência e escola: escuta de professores e análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica.** Brasília: Liber Livro - UNESCO, 2015, 192 p.

PITSOE, V.; LETSEKA, M. Foucault and School Discipline: Reflections on South Africa. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 23, p. 1525 -1532, 2014. Disponível em: <https://www.mcser.org/journal/index.php/mjss/article/view/4688/4548>. Acesso em: 15 maio. 2020.

PUCCI, B. À guisa de Prefácio: ambivalências na relação entre professor e aluno em tempos de tecnologias digitais. *In:* ZUIN, A. À. S. (Org.) **Violência e tabu entre professores e alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2012, v. 01, p. 09-20.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: Fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 339-355, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000100010>. Acesso em: 10 fev. 2020.

RECUERO, R. "Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. *In:* **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – ECOB**, 9, 2011, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos/Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo. 2011, p. 7-19. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorreacuero.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter.** São Paulo: Paulus, 2010, 144 p.

SILVA, F. V. **Violência dirigida aos professores na Internet: um estudo na rede social Twitter.** 2016. 141f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, 2016.

SILVA, F. V.; SOUSA, C. Â. M. Violência dirigida aos Professores no Twitter: uma análise sobre a quais grupos de disciplinas mais se destina. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional** (Curitiba. Impresso), v. 14, p. 154-171, 2019.

SOARES, L. H. *et al.* A autoridade docente e a sociedade da informação: o papel das tecnologias informacionais na docência. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 106, p. 88-109, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362019002701655_ Acesso em: 08 jun. 2020.

SOUSA, C. Â. M. Novas linguagens e sociabilidades: como uma juventude vê novas tecnologias. **Revista Interações**, Santarém, v. 7, n. 17, p. 170-188, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/452/406>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SOUSA, C. A. L. O juízo juvenil no espaço virtual. *In*: Sousa, C. Â. M. (Org.). **Juventudes e Tecnologias: sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro - UNESCO, 2015, p. 207-232. Disponível em: <https://socialeducation.files.wordpress.com/2016/03/juventudes-e-tecnologias-site.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ZUIN, A. A. S. O YouTube e o Cyberbullying de alunos contra professores around the world. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v.11, n. 2, p. 340-350, 2017 (jun./ago.).

ZUIN, A. A. S. **Violência e Tabu Entre Professores e Alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico**. São Paulo: Cortez Editora, 2012, 262 p.

ZUIN, A. A. S. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. Campinas/ SP: Autores Associados, 2008, 121p.

Contribuição dos autores

Autor 1: Contribuição na concepção da pesquisa, desenvolvimento, análise, interpretação dos dados e redação final.

Autor 2: Contribuição substancial para a concepção da pesquisa, interpretação dos dados e revisão final da redação.

Autor 3: Contribuição para a interpretação dos dados da pesquisa e revisão final da redação.

Enviado em: 18/outubro/2020 | Aprovado em: 24/agosto/2021